

## A missão de Chico Xavier foi complementar à de Allan Kardec?

Nosso objetivo é tentar analisar a produção literária de cada um desses personagens, para verificar se há alguma relação entre a missão de ambos, como querem alguns confrades ao afirmarem ser Chico Xavier a reencarnação de Allan Kardec, advogando que as obras produzidas pelo "Mineiro do Século" completam as do Mestre Lionês.

É importante deixar bem claro que algumas coisas que falaremos não têm outro objetivo senão o de uma análise dos fatos e, jamais, o de depreciar algum desses personagens.

Em *Obras Póstumas*, numa reunião na casa do Sr. Baudin, a 17 de janeiro de 1857, Kardec é informado, através da médium Srta. Baudin, que retornaria para completar a sua obra, o que está registrado no artigo "Primeira notícia de uma nova encarnação":

O Espírito prometera escrever-me uma carta por ocasião da entrada do ano. Tinha, dizia, qualquer coisa de particular a me dizer. Havendo-lha eu pedido numa das reuniões ordinárias, respondeu que a daria na intimidade ao médium, para que este ma transmitisse. É esta a carta:

"Caro amigo, não te quis escrever terça-feira última diante de toda a gente, porque há certas coisas que só particularmente se podem dizer.

"Eu queria, primeiramente, falar-te da tua obra, a que mandaste imprimir. (*O Livro dos Espíritos* entrara para o prelo.) Não te afadigues tanto, da manhã à noite; passarás melhor e a obra nada perderá por esperar.

"Segundo o que vejo, és muito capaz de levar a bom termo a tua empresa e tens que fazer grandes coisas. Nada, porém, de exagero em coisa alguma. Observa e aprecia tudo judiciousa e friamente. Não te deixes arrastar pelos entusiastas, nem pelos muito apressados. Mede todos os teus passos, a fim de chegares ao fim com segurança. Não creias em mais do que aquilo que vejas; não desvies a atenção de tudo o que te pareça incompreensível; virás a saber a respeito mais do que qualquer outro, porque os assuntos de estudo serão postos sob as tuas vistas.

"Mas, ah! a verdade não será conhecida de todos, nem crida, senão daqui a muito tempo! Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra. **Terás que voltar, reencarnado noutra corpo, para completar o que houveres começado** e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espalhado pela Terra.

"Surgirão invejosos e ciosos que procurarão infamar-te e fazer-te oposição: não desanimes; não te preocupes com o que digam ou façam contra ti; prossegue em tua obra; trabalha sempre pelo progresso da Humanidade, que serás amparado pelos bons Espíritos, enquanto perseverares no bom caminho.

"Lembras-te de que, há um ano, prometi a minha amizade aos que, durante o ano, tivessem tido um proceder sempre correto? Pois bem! declaro que és um dos que escolhi entre todos."

Teu amigo que te quer e protege. – Z.

(KARDEC, 2006a, p. 323-324, grifo nosso).

Cerca de três anos e meio mais tarde, mais precisamente em 10 de junho de 1860, Kardec, em sua própria casa, conversando com o Espírito de Verdade, pela médium Sra. Schimidt, recebe dele novo aviso, conforme se vê no artigo "Minha Volta":

*Pergunta (à Verdade)* – Acabo de receber de Marselha uma carta em que se me diz que, num seminário dessa cidade, estão estudando seriamente o Espiritismo e de *O Livro dos Espíritos*. Que se deve augurar desse fato? Será que o clero toma a coisa a peito?

*Resposta* – Não podes duvidar disso. Ele a toma muito a peito, porque lhe prevê as consequências e grandes são as suas apreensões. Principalmente a parte esclarecida do clero estuda o Espiritismo mais do que o supões; não creias, porém, que seja por simpatia; ao contrário, é à procura de meios para combatê-lo e eu te asseguro que rude será a guerra que lhe fará. Não te incomodes; continua a obrar com prudência e circunspeção; tem-te em guarda contra as ciladas que te armarão; evita cuidadosamente em tuas palavras e nos teus escritos tudo o que possa fornecer armas contra ti.

Prossegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, **antes de voltares para junto de nós “por um pouco”**.

*P.* – Que queres dizer por essas palavras: “por um pouco”?

*R.* – **Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás que volver à Terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência.** Se fosse possível, absolutamente não sairias daí; mas, é preciso que se cumpra a lei da Natureza. **Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo.** Entretanto, há trabalhos que convém os acabes antes de partires; por isso, dar-te-emos o tempo que for necessário a concluí-los.

*NOTA* – Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda tenho de fazer e levando em conta o tempo da minha ausência e os anos da infância e da juventude, até a idade em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, **a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro.**

(KARDEC, 2006a, p. 331-332, grifo nosso).

Não resta dúvida que o objetivo dessa volta de Kardec, como lhe assegurou o Espírito de Verdade, seria para que pudesse terminar a sua missão. Que missão? Vejamos o que, em 30 de abril de 1856, na casa do Sr. Roustan, pela médium Srta. Japhet, é dito a Kardec sobre ela:

Eu assistia, desde algum tempo, às sessões que se realizavam em casa do Sr. Roustan e começara aí a revisão do meu trabalho, que posteriormente formaria *O Livro dos Espíritos*. (Veja-se a Introdução.) Numa dessas sessões, muito íntima, a que, apenas assistiam sete ou oito pessoas, falavam estas de diferentes coisas relativas aos acontecimentos capazes de acarretar uma transformação social, quando o médium, tomando da cesta, espontaneamente escreveu isto:

“Quando o bordão soar, abandoná-lo-eis; apenas aliviareis o vosso semelhante; individualmente o magnetizareis, a fim de curá-lo. Depois, cada um no posto que lhe foi preparado, porque de tudo se fará mister, pois que tudo será destruído, ao menos temporariamente. Deixará de haver religião e uma se fará necessária, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador.. Seus primeiros alicerces já foram colocados... **Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí.** (Livre, a cesta se voltou rapidamente para o meu lado, como o teria feito uma pessoa que me apontasse com o dedo.) A ti, M..., a espada que não fere, porém mata; contra tudo o que é, serás tu o primeiro a vir. **Ele, Rivail, virá em segundo lugar: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido.**”

*NOTA* – **Foi essa a primeira revelação positiva da minha missão** e confesso que, quando vi a cesta voltar-se bruscamente para o meu lado e designar-me nominativamente, não me pude forrar a certa emoção. [...].

(KARDEC, 2006a, p. 308, grifo nosso).

Então, a missão confiada a Kardec foi a de colocar os primeiros alicerces de uma religião, como para nós fica claro do que lhe foi dito nessa mensagem.

Em 7 de maio de 1856, o Espírito Hahnemann, em comunicação pela médium Srta. Japhet, diante de uma pergunta de Kardec, confirma-lhe a importante missão de que se achava revestido. Nessa oportunidade, Kardec também lhe questionou sobre a previsão de graves acontecimentos em vias de ocorrer:

*Pergunta* – A comunicação há dias dada faz presumir, ao que parece, acontecimentos muito graves. Poderás dar-nos algumas explicações a respeito?

*Resposta* – Não podemos precisar os fatos. O que podemos dizer é que haverá muitas ruínas e desolações, pois são chegados os tempos preditos de uma renovação da Humanidade.

*P.* – Quem causará essas ruínas? Será um cataclismo?

*R.* – Nenhum cataclismo de ordem material haverá, como o entendeis, mas flagelos de toda espécie assolarão as nações; a guerra dizimará os povos; as instituições vetustas se abismarão em ondas de sangue. Faz-se mister que o velho mundo se esboroe, para que uma nova era se abra ao progresso.

*P.* – **A guerra** não se circunscreverá então a uma região?

*R.* – Não, abrangerá a Terra.

*P.* – Nada, entretanto, neste momento, parece pressagiar uma tempestade próxima.

*R.* – As coisas estão por fio de teia de aranha, meio partido.

*P.* – Poder-se-á, sem indiscrição, perguntar **onde partirá a primeira centelha?**

*R.* – **Da Itália.**

(KARDEC, 2006a, 309-310, grifo nosso).

Numa sessão em casa do Sr. Baudin, a 12 de maio de 1856, o Espírito de Verdade, guia de Kardec, aborda esse acontecimento, confirmando-o. De sua fala, retiramos este trecho por julgá-lo importante: “[...] Os acontecimentos pressentidos certamente se **darão em tempo próximo**, mas que não pode ser determinado”. (KARDEC, a, p. 311, grifo nosso).

Para situarmos, a referência aqui, certamente, é sobre a Grande Guerra, ou seja, a Primeira Guerra Mundial, que iniciou em 1914, portanto, 58 anos depois dessa previsão, tida como “tempo próximo”. O que fica claro é que a noção de tempo para os Espíritos é bem diferente da nossa, razão pela qual firmar data sobre a previsão de Kardec voltar por “por um pouco”, pode-se correr o risco de errar “em muito”.

Vejamos o que o Espírito de Verdade fala na sequência do trecho mencionado há pouco:

*P.* – Disseram os Espíritos que os tempos são chegados em que tais coisas têm de acontecer: em que sentido se devem tomar essas palavras?

*R.* – Em se tratando de coisas de tanta gravidade, **que são alguns anos a mais ou a menos?** Elas nunca ocorrem bruscamente, como o chispar de um raio; são longamente preparadas por acontecimentos parciais que lhes servem como que de precursores, quais os rumores surdos que precedem a erupção de um vulcão. Pode-se, pois, dizer que os tempos são chegados, sem que isso signifique que as coisas sucederão amanhã. Significa unicamente que vos achais no período em que se verificarão.

(KARDEC, 2006a, p. 311, grifo nosso).

Diante disso, perguntamos: o que são alguns anos a mais ou a menos em relação à previsão da volta de Kardec? Aliás, o próprio havia previsto sua volta como vimos: “a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro”. (KARDEC, 2006a, p. 324); entretanto trata-se, obviamente, de opinião pessoal dele, que muito bem pode não ter se realizado como previu, diante disso que acabamos de colocar.

Outra situação ocorrida pode também somar a esse ponto relativo ao tempo. Kardec relata que calculava que ainda lhe faltava cerca de dez anos para a conclusão dos seus trabalhos (KARDEC, 2006a, p. 327), o que lhe foi confirmado por um de seus correspondentes; aproveitando a reunião de 24 de janeiro de 1860, em casa do Sr. Forbes, ele pergunta a seu guia:

*Pergunta* (à Verdade) – Como é que um Espírito, comunicando-se em Limoges, onde nunca fui, pôde dizer precisamente o que eu pensava acerca da duração dos meus trabalhos?

*Resposta* – **Nós sabemos** o que te resta a fazer e, por conseguinte, **o tempo aproximado de que precisas para acabar a tua tarefa**. É, portanto, muito natural que alguns Espíritos o tenham dito em Limoges e algures, para darem uma ideia da amplitude da coisa, pelo trabalho que exige.

**Entretanto, não é absoluto o prazo de dez anos; pode ser prolongado por alguns mais**, em virtude de circunstâncias imprevistas e independentes da tua vontade.

*NOTA – (Escrita em dezembro de 1866) – Tenho publicado quatro volumes substanciosos, sem falar de coisas acessórias. Os Espíritos instam para que eu publique A Gênese em 1867, antes das perturbações. Durante o período da grande perturbação terei de trabalhar nos livros complementares da Doutrina, que não poderão aparecer senão depois da forte tormenta e para os quais me são precisos de três a quatro anos. Isso nos leva, o mais cedo, a 1870, isto é, em torno de 10 anos.*

(KARDEC, 2006a, p. 328, grifo nosso).

Embora, fique bem claro que Kardec “errou” por um ano a data do seu retorno, não podemos deixar de ressaltar que o Espírito de Verdade deixou bem claro em sua resposta que o tempo previsto não era absoluto, podendo, em virtude de fatos imprevistos, ser ampliado.

Considerando tudo isso, não vemos como precisar a nova encarnação de Kardec no ano de 1910, data em que nasceu o nosso estimado Chico Xavier.

E, voltando a um ponto atrás, vejamos como o próprio Kardec fala de sua missão:

**O nosso papel pessoal**, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, **é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências**. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. [...]. (KARDEC, 2007e, p. 45, grifo nosso).

Outra coisa importante na maneira de agir de Kardec era o fato dele nunca ter aceitado uma opinião isolada; fazia questão absoluta de que os pontos doutrinários fossem concordes com o que falavam vários Espíritos, por intermédio de vários médiuns. Na “Introdução” de *A Gênese*, ele deixa isso bem claro:

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém **não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles**. Ela é, e não pode deixar de ser, a **resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado**. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

**Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina**, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

**Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade**. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá. (KARDEC, 2007e, p. 15-16, grifo nosso).

Considerando o papel da missão de Kardec e essa sua forma de agir, será que podemos ver tudo isso na maneira de Chico Xavier tratar o que escrevia em suas obras? Será que um

tempo curto, em torno de quatro décadas, no plano espiritual o fez esquecer completamente disso, para agir de forma contrária? Como Kardec mesmo informa, utilizou-se do que chamou de Controle Universal do Ensino dos Espíritos, que significava que ele analisava e comparava várias mensagens para, daí sim, tirar algum ponto que merecia ser incluído nas obras espíritas; entretanto, não vimos esse mesmo expediente sendo adotado por Chico Xavier, considerando o pouco tempo em que esteve no plano espiritual; caso este fosse Kardec, ele deveria ter na memória integral esse conhecimento, de forma a fazer uso dele nessa sua nova encarnação.

Há, ainda, um outro ponto que não podemos deixar de mencioná-lo, apesar de no movimento espírita se fazer polêmica dele; é em relação à identificação do guia de Kardec. Ao abordar esse tema queremos comparar a participação na codificação Espírita dos guias dos personagens envolvidos – Kardec e Chico Xavier.

Na obra *Expoentes da Codificação Espírita*, organizado por Maria Helena Marcon, sob o amparo da Federação Espírita do Paraná, encontramos que Emmanuel, o mentor de Chico Xavier, é o personagem que assina a mensagem intitulada “O egoísmo”, inserida no Capítulo XI, item 11 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (MARCON, 2002, p. 41), sendo essa a sua única participação nas obras que formam o corpo doutrinário do Espiritismo; portanto, excetuando-se essa, não há mais uma só linha em que fique provado que Emmanuel tenha participado ativamente nessa formação.

Apenas um parêntese, no Programa Pinga-Fogo II, Chico Xavier, respondendo a um dos entrevistadores, fala do seu encontro com Emmanuel:

Quando ouvimos o Espírito de Emmanuel pela primeira vez, e que ele nos fez compreender a importância do assunto, nós **nos informamos com ele de que, em outras vidas, abusamos muito da inteligência, nós, em pessoa**, e que nesta consagraríamos as nossas forças para estar com ele na mediunidade, nos serviços de Nosso Senhor Jesus Cristo, no espiritismo, e por isso mesmo coloquei minha vida nas mãos de Jesus e nas mãos dos bons Espíritos. (GOMES, 2010, p. 234, grifo nosso).

Assim, é de se indagar: por que Emmanuel, nesse momento, não informou a Chico que ele veio para completar sua missão, porquanto como Kardec ele não teve tempo suficiente para levá-la à meta final? O contraste é evidente, já que Kardec foi antecipadamente informado de sua missão.

Por outro lado, o guia de Kardec, o Espírito de Verdade teve participação ativa, tendo inclusive, vários relatos em reuniões nas quais o Codificador confabulou com ele. Podemos ainda citar as quatro mensagens constantes do Capítulo VI – O Cristo Consolador, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que são assinadas por ele. Além disso ele é identificado como o Espírito que dirigia, presidia ou coordenava a plêiade de Espíritos envolvidos na Codificação.

Para ilustrar, citamos os nomes dos Espíritos que Lhe estavam subordinado: Afonso de Liguori, Arago, Benjamim Franklin, Channing, Chateaubriand, Delphine de Girardin, Emmanuel, Erasto, Fénelon, Francisco Xavier, Galileu Galilei, Hahnemann, Henri Heine, Rousseau, Joana d'Arc, João Evangelista, Lacordaire, Lamennais, Lázaro, Massillon, Pascal, Paulo de Tarso, Platão, Sanson, Santo Agostinho, São Bento, São Luís, Sócrates, Swedenborg, Timóteo, Joana de Angelis (um espírito amigo), Cura D'Ars, Vicente de Paulo, Adolfo (bispo de Argel), Dr. Barry, Cárita, Dufêtre (bispo de Nevers), François (de Génève), Isabel (de França), Jean Reynaud, João (bispo de Bordéus), Julio Olivier, Morlot e V. Monod. (MARCON, 2002).

Então, se Chico for mesmo Kardec, em nova encarnação, podemos dizer que, de uma certa forma, houve uma espécie de retrocesso em relação aos guias, pois o de Kardec, além de ter concebido a Doutrina Espírita, coordenou os demais Espíritos na elaboração desta, enquanto o de Chico, como coordenado (ou subordinado) na missão anterior, deu apenas uma mensagem evangélica sobre o tema “O egoísmo”. É algo como ter tido como guia, na missão anterior, um destacado líder que tinha vários assessores, dentre eles um mais simples e, na seguinte, ter como guia, justamente, esse referido assessor. Não é um contrassenso?

Por outro lado, a relação direta do guia com o protegido também nos remete a evidente superioridade do Espírito Allan Kardec em relação ao de Chico, a quem Emmanuel, o próprio

guia do Chico, se refere como "um dos mais lúcidos discípulos do Cristo" (XAVIER, 1987, p. 194).

Em depoimento no Programa Pinga-fogo, conforme vimos um pouco acima, Chico diz que Emmanuel lhe informou que "em outras vidas, abusamos muito da inteligência, nós, em pessoa". Portanto, comparando-se as duas informações de Emmanuel a respeito dos dois personagens, percebemos que o Codificador foi melhor avaliado, o que justifica concluir-se que ambos não podem ser a encarnação do mesmo Espírito.

Não cabe aqui definirmos quem era o personagem Espírito de Verdade, porém, aos interessados recomendo o nosso texto "Espírito de Verdade, quem seria ele?", disponível em nosso site [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net) ([clique aqui](#)), que, provavelmente, irão ter uma grande surpresa.

Kardec, homem culto, formou-se no mais respeitado estabelecimento de ensino de sua época, o instituto educacional dirigido por Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), ou simplesmente, Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça. Dedicou parte de sua vida à educação, contribuindo com várias obras para o aperfeiçoamento e reforma do ensino na França. Foi membro de 12 associações culturais francesas, incluindo a Academia Real de Arras.

Chico Xavier só cursou o primário, e não se tem notícia que tenha participado de alguma academia cultural, como reconhecimento do que escrevia.

Finalizando, diremos que o nosso ponto de vista continua o mesmo de antes, ou seja, que Chico Xavier não foi Kardec reencarnado. Isso não se trata de "achismo", mas fruto das pesquisas que fizemos sobre o tema, que reunimos num texto só intitulado "Polêmica – reencarnações de Kardec", também disponível em nosso site ([clique aqui](#)).

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Abr/2014.

### **Referências bibliográficas:**

- GOMES, S. (org) *Pinga-fogo com Chico Xavier*. Catanduva, SP: Intervidas, 2010.  
KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.  
KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006a.  
MARCON, M. H. *Expoentes da Codificação Espírita*. Curitiba: FEP, 2002.  
XAVIER, F. C. *A Caminho da Luz*, Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Este artigo foi publicado:

– revista **Espiritismo & Ciência Especial**, nº 71. São Paulo: Mythos Editora, jun/2014, p. 24-33, com o título "A missão de Chico Xavier".